

O QUE A LITERATURA NOS ENSINA SOBRE O COTIDIANO ESCOLAR

UM DIÁLOGO COM A PEDAGOGIA DA LIBERDADE

Sonia Regina dos Santos ¹

RESUMO

A presente comunicação foi se construindo por meio de leituras das obras de escritores que fazem uso da temática do negro para produzi-las. Como é do conhecimento da maioria dos seres humanos que integram a nação brasileira, a trama das relações sociais no cotidiano do ambiente escolar sempre foi marcada por uma grande complexidade entre os sujeitos envolvidos. Os movimentos sociais negros conseguiram fazer com que o Governo Federal instituisse a Lei 10.639/03, que obriga o ensino de História da África e Cultura afro-brasileira nas escolas do país. Em toda interação humana a dimensão educativa está presente. Desta forma, penso que a Literatura Contemporânea produzida por escritores que fazem uso da temática das populações africanas e seus descendentes têm apontado para uma realidade ignorada nas salas de aula. Penso que: estereótipos, preconceitos, discriminações entre outras negatividades seculares referentes ao povo negro poderão ser desconstruídas, em caso das escolas adotarem a prática efetiva de leituras de Literatura Contemporânea Africana numa junção com os conceitos do educador Paulo Freire que produziu várias obras enfocadas para a Educação Brasileira. Obras que nos possibilita vários caminhos para entendê-la e praticá-la, quando o contexto é a sala de aula. O próprio autor nos informa, nos direciona em sua obra *A Pedagogia do Oprimido*, a pensar que em nada na vida podemos ter êxito, “*sem o alicerce de um povo que se educa para civilizar-se*”.

Palavras-chave: Educação. Literatura Contemporânea Africana. Relações Raciais. Pedagogia da Liberdade.

¹ Pós – Graduada em Letras: Lingüística e Literaturas de Língua Portuguesa e membro do Grupo de Pesquisa “*Narrativas, memórias e atualizações identitárias em contextos educativos*” – coordenado pela Prf^a Dr^a Maílsa Carla Pinto Passos – UERJ.

1 - INTRODUÇÃO

A trama das relações sociais no cotidiano do ambiente escolar sempre foi marcada por uma grande complexidade entre os sujeitos envolvidos. Numa tentativa de compreender o cotidiano do sujeito afrodescendente, o presente texto foi se construindo por meio de leituras das obras de escritores que fazem uso da temática do negro para produzi-las. Foi tomado como referências o conto *A Menina Vitória*, do escritor angolano Arnaldo Moreira dos Santos; os contos: *Tempos Escolares*, *Metamorfose*, *Alicerce* e *Força Flutuante*, todos esses contos fazem parte da obra *A Cor da Ternura*, da escritora afro-brasileira Geni Mariano Guimarães. São textos literários produzidos como uma nova forma de luta, combate ao racismo, discriminações e outras questões negativas atribuídas às populações negras. Dentro dos textos, as personagens representam as mais diversas situações e atitudes experimentadas e vivenciadas pelos afro-descendentes no seu dia-a-dia e que se estendem para outros espaços entre eles o espaço escolar, este último será discutido ao longo deste texto.

Há alguns séculos atrás, o branco europeu gerou a idéia de que o negro é inferior por causa da cor sua pele e esse conceito tomou grandes proporções se espalhando pelo mundo porque o objetivo na época era colonizar o povo negro, mantendo-o preso, dominado estabelecendo uma relação de poder. Por causa da ideologia do homem branco, o conceito de inferioridade da etnia negra foi aceito no mundo e em consequência disso o que se viu e ainda se vê nos dias atuais são as divisões, a eliminação, desculturalização, o enfraquecimento das populações negras e seus descendentes perante as outras etnias que ainda perpetuam mitos e estereótipos negativos atribuídos à sociedade que não seja a dominante.

O sujeito afrodescendente enfrenta o preconceito, discriminação e exclusão racial no seu cotidiano, está habituado às negatividades a ele inerentes, mas o que causa certo estranhamento, melhor dizendo certo desconforto é constatar que essas mesmas situações, atitudes de negatividade por causa da sua cor de pele são reproduzidas no ambiente escolar. Escola, espaço que se acreditava ser um espaço sociocultural, construído para cumprir uma função social, estabelecer relações harmoniosas entre os diferentes grupos étnico-sociais. Até que ponto a escola cumpre o seu papel? O que se constata em alguns espaços escolares é a falta de coerência no cumprimento de promover a equidade social, como também de promover, preservar e difundir a diversidade cultural.

No cotidiano escolar, o sujeito afrodescendente tem experimentado as mesmas situações e atitudes que enfrentam do lado de fora, às vezes de formas mais agressivas que somam marcas que o acompanha por toda vida. São situações e atitudes que se manifestam de forma crescente por meio de atos, gestos, palavras, discursos que sempre o inferioriza em todos os sentidos, deixando-o cada vez mais confuso em identificar qual é o seu lugar de pertença^{2[1]}. Como reconhecer o seu lugar, uma vez que o lugar onde ele tinha uma expectativa de ajuda positiva lhe foi negado? O local que esperava por educação, conscientização e quem sabe correções de alguns erros cometidos desde a época do Colonialismo para com os menos favorecidos e as populações negras, compromete a Educação por não cumprir o seu papel social, pois, prefere o silenciamento, a omissão, a não discussão dos problemas para solucioná-los, por achar que não cabe a escola eliminá-los ou extingui-los.

Muitos afro-descendentes enfrentam essas situações e atitudes de maneira tensa, estabelecem conflitos entre brancos e negros, se segregam, se excluem, outros preferem o silenciamento como arma da sua revolta, e há ainda os que assimilam o discurso do outro que o considera incapaz, inferior, marginal e abandonam o espaço escolar. Mas escola não significa somente um lugar que o afrodescendente encontra reproduzidas as situações negativas que enfrenta no seu cotidiano. A escola também é um espaço (quando bem usado), que pode alterar essas situações de manutenção de racismo, discriminações, preconceitos entre outras, quando assume a sua função social, buscando estratégias educacionais e didáticas para tratar com eficácia das questões das classes menos favorecidas na sala de aula, deixando de pensar que essas questões não são problemas ou tarefa da escola. Assumindo o seu papel, a escola avança e promove uma Educação Plural, não só para alunos, como também para professores e todos envolvidos naquele espaço. Escola não se resume apenas em lugar de transmissão de saber, é também construtora de conhecimentos onde todos são aprendizes com objetivo de solucionar os possíveis problemas que surgem na área educativa sejam eles relativas ao afrodescendente ou não, os conceitos preconceituosos e discriminatórios poderão ser diminuídos ou exterminados. Educar sempre apresentou desafios, porém, é de extrema importância mudar qualquer quadro negativo referente ao negro, o afrodescendente e outras classes sociais menos favorecidas.

^{2[1]} Lugar de pertença – negados como cidadãos, o negro se sente estrangeiro tanto na África por não ser mais o país onde está inserido, como também no país onde nasceu sem vontade própria.

BREVE HISTÓRICO DOS ESCRITORES E SUAS OBRAS.

A educação das massas se faz, assim, algo de absolutamente fundamental entre nós. Educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação. A opção, por isso, teria de ser também, entre uma “educação” para a “domesticação” para a alienação, e uma educação para a liberdade. “Educação” para o homem objeto ou educação para o homem-sujeito.

Paulo Freire.

O ESCRITOR ANGOLANO ARNALDO MOREIRA DOS SANTOS

Arnaldo Moreira dos Santos nasceu em Luanda, em 1935. Iniciou a carreira de escritor no ano de 1956, escrevendo poesias como um pequeno exercício intelectual que os resultados acabaram por surpreendê-lo. Com a ajuda de um amigo que se interessou por seus poemas, mandando-os para as primeiras publicações numa revista moçambicana intitulada “*O Brado Africano*”, a partir daí, Arnaldo passou a dedicar-se cada vez mais a escrita. Colaborou em jornais e revistas e seus textos foram incluídos em antologias poéticas, nacionais e estrangeiras.

O CONTO A MENINA VITÓRIA

O conto *A Menina Vitória* compõe a obra *Prosas* (1977). A narrativa do conto reproduz situações que envolviam o povo negro angolano num processo de silenciamento dentro das instituições escolares, por imposição do Sistema Colonial em Angola, até o país alcançar sua Independência em Novembro de 1975. O público leitor é capaz de perceber claramente que a narrativa denuncia a violência do discurso opressor que obrigava os oprimidos ao silêncio em todos os sentidos, tornando-os vazios de significados, dissociados de seu contexto cultural no espaço escolar, causando-lhes grandes conflitos. Os angolanos estavam habituados (fora do espaço escolar), a valorizar a cultura repassada por seus ancestrais e almejavam transmiti-las para as novas gerações, porém, suas falas eram bloqueadas, não diferentes em outras nações que tiveram como estrutura a colonização de base européia. O negro e seus descendentes experienciavam no espaço escolar, o desprestígio de sua língua materna,

seus costumes totalmente renegados, até mesmo por aqueles que seus lhos pareciam iguais por pertencerem à mesma etnia.

A ESCRITORA AFRO-BRASILEIRA GENI MARIANO GUIMARÃES

Escritora negra e como muitas de sua cor, revela em suas narrativas o sofrimento de seus ancestrais e os seus próprios, devido ao preconceito e o racismo pelos quais passaram principalmente quando ainda era uma menina. Desde muito cedo a cor negra e sua condição social pesa sobre os ombros de Geni Mariano Guimarães. Na adolescência, escreveu para jornais, publicou contos, poemas e crônicas. Suas obras mais conhecidas são os livros de contos *A Cor da Ternura e Leite de Peito*. O primeiro publicado em 1989 e o segundo está atualmente na 3ª edição graças ao reconhecimento da Fundação Nestlé de Cultura por sua atuação na Bienal em 2004.

A COR DA TERNURA

A Cor da Ternura é uma obra muito bem produzida, exterioriza a situação de um povo dentro da sociedade e com isso, a escritora acredita em mudanças positivas em favor das causas do sujeito afrodescendente. A partir de suas lembranças de menina Geni alerta o público leitor para a conscientização das questões raciais no país, mostra as lutas do dia a dia, de uma menina negra e pobre com suas incertezas enfrenta o preconceito, as barreiras impostas que por muitas vezes dentro do espaço escolar sentiu no gosto doce da garapa o sabor amargo do fel por ter a pele de cor diferente, **preta**.

Geni tem contos que sensibilizam uma difícil combinação do mundo exterior preconceituoso, racista e o carinho e a compreensão da família: o amor materno, as irmãs, principalmente Cema, a irmã excepcional, que em seu mundo fechado pelo silêncio à escritora diz ter encontrado a noção de respostas às perguntas que lhe surgiram na mente, o desejo do pai de ter um filho famoso para encher-lhe a alma de orgulho.

De maneira simples Geni em suas narrativas vai pontuando com clareza tudo o que ela quer chamar atenção e revela a superação dos conflitos pelos quais passou até sentir-se realizada como professora no conto final da obra onde com simplicidade derruba barreira maior do preconceito internalizado em uma criança branca com apenas 6 (seis) anos de idade.

DISCRIMINAÇÃO NA SALA DE AULA – Fragmentos do conto *A Menina Vitória*

(...) E sibilavam (alguns eram da Beira Alta), lamentando que a pronúncia do garoto se estragava, que era preciso afastá-lo da companhia dos criados e dos colegas dos musseques. Todos concordavam que era pena, porque ele já se podia considerar como um branco, embora D. Angelina fosse mulata, mas enfim... era senhora de princípios (p.82).

A professora da 3ª classe, a menina Vitória, era uma mulatinha fresca e muito empoada, que tinha tirado o curso na Metrópole. Renovava o pó-de-arroz nas faces sempre que tivesse um momento livre, e durante as aulas gostava de mergulhar os dedos nos cabelos alourados e sedosos de uns meninos que se sentavam nas primeiras filas (p.83).

Olhou-o com desconfiança e depois do primeiro exame mandou-o para uma carteira do fundo da aula. Junto com um menino com cara de puco, a quem chamava cafuzo, por ser muito escuro. Mas o menino cafuzo chamava-se Matoso, o que, de início, pareceu ao Gigi insuficiente para justificar o seu mutismo. Vergado na cadeira não tirava os olhos do livro, nem mesmo quando a menina Vitória se referia a ele, quase sempre com desprezo, ao recriminar outro aluno. “Pareces o Matoso...”, “Sujas a bata como o Matoso...”, “Cheiras a Matoso...” - e ele guardava-se cada vez mais à carteira, transido por aqueles comentários impiedosos (p.83).

(...) Porém o seu azedume cresceu quando, tempos depois, o Matoso lhe respondeu distraidamente em quimbundo. “O quê, julgas que eu sou da tua laia....!?”. Daí por diante o seu nome era jogado pela aula com crueza, criando um símbolo maldito, que o Gigi mais tarde, atemorizado, reconheceu facilmente (p.83).

(...) E o Gigi diminuía-se ainda mais para não se tornar notado, esforçando-se num mimetismo impotente por imitar os gestos dos meninos da baixa (p.83).

“Cada vez pior...!? – rezingava a menina Vitória, que não se compadecia com os enganos. E continuava a erguer à volta do Matoso, implacavelmente, um círculo intransponível de desprezo, onde ele já não se debatia, nem chorava. Apenas no rosto as suas feições endureciam sob pressão dos maxilares contraídos. Exasperava-a.

Tenho que andar pouco com ele pensava preocupado o Gigi. A professora pode virar-se contra mim. E fugia, afastava-se também da sua companhia, deixando-o abatido, solitário, dentro das ruínas (p.84).

Nos fragmentos acima, o texto aponta para vários elementos de efeitos negativos gerados a partir do olhar do segmento branco. Logo de início a rejeição pela língua materna das classes menos favorecidas, seguido da cor da pele como estigma que inviabiliza os sujeitos de ascendência negra. Para o branco, dois importantes fatores que comprometem a inclusão social. Em poucas palavras o que temos no primeiro fragmento é o preconceito que impede a visibilidade do ser negro.

Nos fragmentos seguintes, temos ainda o mascaramento cultural, a professora que passa pelo processo de embraquecimento ao assimilar a ideologia do poder do colonizador. Vitória em busca de poder não resistiu aos valores europeus e assume para

si o discurso opressivo para silenciar os oprimidos (alunos) e excluí-los. Vejamos o que diz Paulo Freire sobre professora escrava de um Sistema Autoritário:

Na sala de aula, fechada a porta, dificilmente seu mundo é desvelado. É por isso que as administrações autoritárias, algumas até dizendo-se avançadas, procuram por diferentes caminhos, introjetar no corpo da gente o medo à liberdade. Quando consegue isso, a professora guarda dentro de si hospedada em seu corpo, a sombra do dominador, a ideologia autoritária da administração. Não está apenas com seus alunos porque entre ela e eles vivo e forte, punitivo e ameaçador o arbítrio que nela habita^{3[2]} (FREIRE, 1993, p. 16,17).

Trazendo a afirmativa acima para dentro do conto, percebo que o discurso do opressor na época do Colonialismo em Angola (não diferente no Brasil), se incorporou de forma bastante densa nos ambientes alvos para difusão políticas, que muitos negros reconheciam dentro de si as palavras do outro. Palavras agressivas que os diminuía e desclassificavam os negros, como as palavras que Vitória direcionava para o Matoso. Iniciava-se então, um processo que em momento algum valorizava as qualidades do povo negro, de forma individual ou coletiva a construção da identidade torna-se difícil.

O discurso de Vitória é tão agressivo que outros alunos sentiam-se acuados na sala de aula – a personagem Gigi se distanciava do colega Matoso por não conseguir visualizar uma chance de se expressar com liberdade. Gigi por medo, jamais promoveria uma revolução para alcançar liberdade.

Através da representação das personagens do conto, o escritor Arnaldo Moreira dos Santos nos dá exemplo de um povo vitimado pelo Colonialismo, distanciado das elites que destruía qualquer diálogo ou comunicação entre opressores e oprimidos, e alguns desses últimos (Gigi) matavam em si a própria chance de liberdade. Outros usavam o recurso do silenciamento^{4[3]}(Matoso), se recolhiam com suas dores por falta de acolhimento para agir no momento certo.

O Gigi naquele dia estava contente com o seu trabalho. O tema era sobre uma figura importante do Governo e lê não esquecera os adjetivos mais expressivos que na véspera a professora tinha proferido (...).

(...) Apanhado em flagrante O Gigi baixou a cabeça. A menina Vitória olhava-o silenciosamente e os alunos da classe, pressentindo algo de estranho, apagaram as conversas. Esperavam. Gigi esperou também e as comissuras dos lábios entreabriram-se num sorriso de confiança.

^{3[2]} Interessante a propósito deste assunto, a leitura entre outras de Fraz Fanon, Os Condenados da Terra; de Albert Memmi, Retratos dos Colonizados e Paulo Freire, Pedagogia do Oprimido e Pedagogia da Esperança.

^{4[3]} Recurso do silenciamento – Na verdade, a revolta está implícita, nas feições endurecidas do Matoso, sob a pressão dos maxilares contraídos.

- Com que então pretendes brincar comigo...? – ela falava-lhe friamente...

(...) A acusação, porém, veio sem tardar, inexorável, imprevisível. Como é que ele se atrevera a tratá-lo por tu! Como é que ele tivera o arrojo de o nomear com um simples artigo definido!?

- Ouve lá... tu julgas que ele anda sujo e roto como tu, e come funje na sanzala...?

(...) Uma vaga de calor inudou-lhe o rosto e invadiu-o levemente uma sensação entorpecente. Os seus ombros encurvavam-se. Sentiu-se muito fraco. Já nada tinha que disfarçar, mas estava triste perante a luta que pressentia. Mas por que, por que ela, logo ela, o queria humilhar? Ela que tinha carapinha. Ela que era filha de uma negra pensou com furor. Os seus músculos crispavam-se e o caderno começou a amarrotar-se nas mãos. Depois mal sentiu a violência da palmatória. Só nas faces a queimadura viva da humilhação, só nos ombros a responsabilidade da sua condição de que ele não tinha culpa, mas que queria aceitar mesmo dolorosa como as pulsações que lhe ressoavam nas palmas das mãos inchadas.

E na carteira chorou. Chorou de raiva, da dor que lhe nascia da piedade dos colegas e da vergonha, de não poder esconder a sua angústia, com os olhos secos, enxutos e orgulhosamente raiados de sangue, como os do Matoso (p.85, 86).

Permanecendo nos fragmentos acima mencionados do conto *A Menina Vitória*, o escritor faz uma abordagem da relação educador e educando na época colonialista em Angola. Uma relação no sentido de que as populações negras tinham acesso a matrícula, à sala de aula, mas não eram aceitas num contexto amplo. A professora no conto é o símbolo entre outros por ela representados, desta relação conflitiva de não aceitação das populações negras na sala de aula. Vitória acentua na sala de aula as diferenças entre colonizadores e colonizados de forma que esses últimos permanecessem em situação de desigualdade.

O cotidiano escolar dos personagens Matoso e Gigi lhes revelam a escola como um espaço negativo que reproduz através da educadora, as diversas situações e atitudes negativas inerentes ao povo de ascendência negra. No texto onde a pessoa envolvida no ato de educar é um instrumento de manutenção do preconceito e da discriminação raciais, que faz cair por terra o conceito de que a escola é detentora de saber e um espaço que promove a equidade entre os indivíduos.

Vitória, professora de ascendência negra, recusa a negritude, passa pelo processo de embaquecimento e se esconde atrás de uma máscara de pó de arroz. Num sentido ilusório Vitória é o espelho que reproduz a imagem do outro. A professora no conto também é um instrumento de prática política da cultura europeia, símbolo de uma estrutura ideológica e dominante. Adere o jogo do opressor, apodera-se de suas falas as põe em prática fortalecendo ainda mais a etnia branca.

O que aconteceu com Vitória? Sua cor denuncia o estigma. Teria também passado por experiências que a levaram ao questionamento, sobre o que é preciso para ser olhada e respeitada como o opressor? Talvez desacreditada de suas potencialidades como ser negro, se auto-exclui, rejeita suas características individuais étnicas e repudia sua identidade negra se impondo aos valores de Matoso e Gigi. Submete os alunos negros à violência verbal de seu discurso, deixando Gigi numa encruzilhada, desorientado, sem saber se permanece fiel ao seu mundo ou se continua vítima das humilhações como Matoso que adere ao silêncio para agir no momento que lhe for oportuno.

Segundo CAVALLERO (2000), nesse sentido a escola poderá silenciar as crianças negras, intensificado sua invisibilidade, gerando uma angústia que os paralisam, de modo que põem em dúvida seus talentos e suas habilidade, passam a não acreditarem nas suas identidades futuras.

A professora oprime, nega ao aluno tudo que considera fora do padrão estabelecido pelo europeu. Vitória não deu chance ao Gigi e muito menos a Matoso de desenvolverem um pensamento multicultural, enquanto alunos daquela escola. Gigi ficou passivo, medroso e ingênuo perante a agressividade da professora que ele considerava igual por pertencer à mesma etnia. Experimentou o preconceito e discriminação. Em caso de continuar sendo educado naquele meio racista, o Gigi, num futuro próximo, é provável que se negue como negro tendo em vista no início do conto o narrador atentar para o fato de que já se podia considerá-lo como um branco.

FRAGMENTOS DOS CONTOS TEMPOS ESCOLARES E METAMORFOSE

Tempos Escolares

- Bem – disse a professora. – Agora vamos parar de fazer pauzinhos. Acho que todos vocês conhecem cobra, não é? Então. Vamos desenhar cobrinhas.

(...) Dona Odete começou a cobrir a lousa de cobras sem cabeças e pauzinhos tortos.

(...) – Por que você não fez?

Dei um pulo da carteira. Meu coração começou a bater na garganta.

- Explique, vamos! – gritava ela. – Olhe aqui o dele. – Pegou o caderno de um menino que estava sentado na carteira ao lado e colocou na minha cara, diante dos meus olhos. – Tudo certinho. Só você não fez, por quê?

(...) As lágrimas começaram a sair e o soluço me prendia a voz (p.54).

Metamorfose

Ano seguinte, já no primeiro dia de aula, levava na bolsa um poema de quatro versos que dizia assim:

Foi boa para us escravos
E parecia um mel
Acho que é irmã de Deus
Viva a Princesa Isabel.

De imediato, não tive coragem de mostrá-lo para a professora.

(...) Leu e releu. Pegou a caneta, riscou qualquer coisa sobre os meus versos e mandou o Pedro chamar o diretor.

Dona Cacilda deu-lhe o papel. O diretor leu.

Depois ele saiu e a professora devolveu-me o poema e continuou a aula calmamente, sem um gesto que me explicasse o bom ou ruim dos versos.

(...) e passava pela porta da diretoria, o diretor saiu, procurou-me com os olhos e disse:

- Parabéns.

Fui para casa feliz. Sabiás empoleirados na cabeça da alma.

(...) –Dona Cacilda, logo após o recreio, disse-nos:

- No dia treze agora, vamos fazer uma festa para a Princesa Isabel, que libertou os escravos. Quem quer recitar?

Várias crianças gritaram:

Eu!Eu!Eu!

- Assim não dá! – gritou a professora. – Levantem a mão.

Levantei a minha, que timidamente luzia negritude em meio a cinco ou seis mãozinhas alvas assanhadas.

(...) Não fui escolhida. Tanto não era possível, explicou-nos ela. Corri atrás dela, sôfrega..... Falei tudo sem respirar. Sem piscar. Medo de não convencer, de apertar os olhos e as lágrimas escaparem do controle da emoção.

- Está bem....

Acariciou meu rosto e riu chochamente (p.60,61).

(...) A festa seria depois do recreio, no dia seguinte. Mas, assim que entramos na classe, ela se pôs a falar sobre a data.

(...) Vi que sua narrativa não batia com a que nos fizera a Vó Rosária. Aqueles eram bons, simples, humanos, religiosos. Eram bobos, covardes, imbecis, estes me apresentados então. Não reagiam aos castigos, não se defendiam, ao menos.

Quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena ou sarcasmo. Eu era a única pessoa da classe representando uma raça digna de compaixão, desprezo!

Quis sumir, evaporar, não pude (p.65)

(...) Por isso é que eu tinha medo de tudo. O filho puxa o pai, que puxa o avô, que puxou o pai dele, que puxou... E eu conseqüentemente ali, idiota fazendo parte da linha.

Naquele dia ninguém correu na volta para casa. Iam todos a minha volta, preocupados porque eu não conseguia andar depressa (p.67,68).

(...) A idéia me surgiu quando minha mãe pegou o preparado e com ele se pôs a tirar da panela o carvão grudado no fundo....ela voltou para casa, e eu juntei o pó restante e com ele esfreguei a barriga da perna. Esfreguei, esfreguei e vi que diante de tanta dor era impossível tirar todo o negro da pele.

(...) Dentro de uma semana, na perna só uns riscos denunciavam a violência contra mim, de mim para mim mesma. Só ficaram as chagas da alma esperando o remédio do tempo e a justiça dos homens (p.69).

Os fragmentos acima são dos contos *Tempos Escolares e Metamorfose*, da obra *A Cor da Ternura*, da escritora Geni Mariano Guimarães. A escritora por meio dos

contos narra suas lembranças dos primeiros anos escolares, sua infância pautada nos enfrentamentos dos preconceitos e discriminações no cotidiano escolar.

Segundo CAVALLEIRO (2001), as crianças negras na sala de aula, na maioria das vezes recebem um tratamento diferenciado dos outros alunos. Quando esse tratamento é carregado de agressividade, passa a ser um dos fatores para o baixo rendimento escolar desse aluno. É comum nos espaços escolares ouvir dos envolvidos no processo de educar que a culpa é da vítima. Nem sempre a escola percebe que no meio profissional existem pessoas preconceituosas que discriminam as crianças negras, desvalorizando o seu potencial que como alunos poderiam desenvolver. As crianças geralmente são rotuladas de complexadas, incapazes e inadequadas para os conteúdos explicitados pelos educadores.

Nos fragmentos do conto *Metamorfose* a escritora narra os anos seguintes depois da experiência traumática do seu primeiro dia de aula. A menina continua se deparando com situações preconceituosas e discriminatórias. Num atropelo, na comemoração do 13 de Maio, constata que a Princesa Isabel não era a santa que imaginava, quando ouvia as histórias contadas pela família. A história dos negros escravos também diverge daquela que a escola apresenta. Dessa História, Geni cultivou uma idéia depreciativa, sentiu vergonha de sua ascendência, ódio e repulsa pela negritude e desta vez, Geni é sua própria agressora quando tenta tirar o negro da pele com o mesmo preparado que sua mãe retirava o carvão das panelas. Só mais tarde entendeu que passava por uma crise de identidade, pode entender que não existia em si uma condição de reconhecer diferenças, igualdades e semelhanças se não aceitasse a sua negritude e a brancura do outro.

FRAGMENTOS DO CONTO *ALICERCE*

(...) – Pai, o que mulher pode estudar?

- Pode ser costureira, professora... – Deu um risinho forçado e quis encerrar o assunto – Deixemos de sonho.

- Vou ser professora – falei num sopro.

(...) – Ah! Se desse certo... Nem que fosse pra eu morrer no cabo da enxada.

– Olhou-me com ar de consolo – Bem que inteligência não te falta.

- É, pai. Eu vou ser professora.

Quería que ele se esquecesse das durezas da vida.

(...) Tem que ser assim, filha. Se nós mesmos não nos ajudarmos, os outros é que não vão.

Nisso ia passando por nós o administrador, que, ao parar para dar meia dúzia de prosa, cumprimentou meu pai e lhe falou:

- Não tenho nada com isso, mas vocês de cor são feitos de ferro. O lugar de vocês é dar duro na lavoura. Além de tudo, estudar filho é besteira. Depois eles se casam e a gente mesmo...

A primeira besteira ficou sem resposta, mas a segunda mereceu uma afirmação categórica e maravilhosa que quase me fez desfalecer em ternura e amor.

- É que eu não estou estudando ela pra mim

- disse meu pai. – É pra ela mesmo.

O homem deu de ombros e saiu tão lentamente que quase ouviu ainda meu pai me segredando:

- Ele pode ser branco. Mas orgulhoso do que eu não pode ser nunca. Uma filha professora ele não vai ter (p.73).

Nos fragmentos do conto *Alicerce*, mais um momento marcante na infância da menina Geni. Exemplos de ideologia das populações negras em comum para reverter os quadros de exclusão social, pobreza, superação diante do preconceito e discriminação étnico-racial, busca e concretização de sonhos.

A identificação étnico-racial se constrói no contato extra familiar. A família geralmente produz em torno dos seus, um casulo para que se sintam menos agredidos. Geni ao freqüentar a escola teve contato com a diversidade social, pode dimensionar as violentas atribuições dadas às diferenças físicas do ser negro, sentiu na pele as nomeações atribuídas a sua etnia. Porém, a ternura da família, o carinho entre pai e filha foi o gancho, a força motriz para as realizações dos sonhos da menina Geni quando atinge a fase adulta.

O pai de Geni enfrentou o discurso do dominante, rompeu com o conceito de opressão e repressão ao enfrentar o administrador da fazenda. Inverteu a posição de assujeitado ao discurso do outro quando percebeu que também tinha voz, estabelecendo uma relação de força, com suas falas carregadas de sentido demoliu velhos conceitos internalizados pelo administrador que tinha um discurso de raízes colonialistas de que a etnia branca e superior a todas as outras.

FRAGMENTOS DO CONTO *FORÇA FLUTUANTE*

(...) Com o certificado na bolsa, saí para procurar emprego. Consegui numa escola uma substituição para o ano todo: dar aulas numa classe de primeira série que “havia “sobrado” pois as professoras efetivas no cargo, já haviam optado por alunos maiores e em processo de alfabetização mais avançado.

No pátio do estabelecimento, tentando engolir o coração para fazê-lo voltar ao peito, suportei o olhar duvidoso da diretora e das mães, que, incrédulas, cochichavam e me despiam em intenções veladas (...)

Só uma menina clara, linda, terna empacou na porta e se pôs a chorar baixinho. Corri para ver se conseguia colocá-la na sala de aula.

- Eu tenho medo de professora preta – disse-me ela, simples e puramente.

Tanto medo e doce, misturados desarmou-me. Procurei argumentos (...) (p.87).

Eu precisava por mim e por ela (p.89).

Na hora do recreio, enquanto os outros professores tomavam o cafezinho e comentavam o andamento das aulas, eu fiquei no pátio.

Talvez ali se me apresentasse alguma idéia.

Vi-a entre as outras crianças. Aproximei-me e pedi a ela um pedaço do lanche. Deu-me indecisa, meio espantada.

Resolvi dar mais um passo.

- Gostaria que você entrasse na classe depois. Assim você senta na minha cadeira e toma conta da minha bolsa enquanto eu trabalho.

Saí sem esperar resposta. Medo.

Logo mais retornamos à sala de aulas.

Ela sentou-se na minha cadeira, seu material ao meu lado. "Precisei" de uma caneta. Pedi-lhe. Abriu minha bolsa como se arrombasse cofre, pegou e entregou-me a caneta solicitada. Meio riso na boca (...).

Ao término das aulas, arrumou o material sem pressa. Percebi-a amarrando os passos e tentando ficar afastada das outras crianças.

Alguma coisa tinha para me dizer. Impacientei-me. Sabia que, fosse o que fosse, eram respostas às minhas perguntas indiretas.

Decidiu a hora, segurou na minha saia e pediu:

- Amanhã você deixa eu sentar perto da minha prima Gisele? De lá mesmo, eu cuido da bolsa da senhora. Amanhã eu vou trazer de lanche pão com manteiga de avião, a senhora gosta de lanche com manteiga de avião na lata?

- Adoro (p.90,91).

(...) Dia seguinte, lá estava ela. Primeira da fila, leve e doce ... Olhei-a e sorri.

Ela, disfarçadamente, com medo da advertência da inspetora, apenas apontou com o dedo a lanchei rinha vermelha, me provando que havia cumprido o trato. Estava ali meu lanche de pão com manteiga de avião.

Foi quando, com nitidez nunca sentida, entendi tudo o que meu pai ensinara, nas suas palavras curtas, nas suas parábolas decifradas na cartilha da existência.

E sentimentos placentários escaparam do útero, meu útero das minhas raízes, grafaram as leis regentes de todos os meus dias.

Sou, desde ontem da minha infância, bagagem esfolada, curando feridas no arquitetar conteúdo para o cofre dos redutos.

Messias dos meus jeitos sou pastora do meu povo cumprindo prazerosa o direito e o dever de conduzi-lo para lugares de harmonias. Meu porte de arma tenho-o descoberto e limpo entre, em cima, embaixo e no meio do cordel das palavras (p.93).

Nos fragmentos acima do conto *Força Flutuante*, a escritora narra como se configurou como mulher negra, numa constante luta que sempre lhe exigiu combatividade e releitura de seus pensamentos e sentimentos para elevar sua autoestima diante das atitudes de preconceitos e discriminações promovidas pela sociedade dominante.

Geni elucidou sua presença na sociedade, escolheu a profissão de educadora e superou a invisibilidade que a sociedade lhe quis conferir mesmo depois de ter conseguido o certificado e sair à procura do primeiro emprego como educadora. Provou não ser uma fracassada do sistema escolar.

Segundo LIMA (2001), a escola exerce um papel crucial na vida do ser humano, agindo como formadora de valores e, com isso, tendo a capacidade e a responsabilidade de mudar sua mentalidade e superar preconceitos. Para isso é fundamental que o professor, enquanto agente conscientizador – transformador crie na sala de aula, um ambiente de diálogo cultural.

Ao encontrar seu primeiro emprego, Geni foi superando as dificuldades, teve a percepção da necessidade de mudanças, usando argumentos para provar que tanto ela (professora negra) ou qualquer outra de etnia diferente, teriam que ter ímpetos de criação e recriação para promover uma educação libertadora, livre de preconceitos e discriminações étnico-raciais. Vejamos o que diz Paulo Freire:

A educadora democrática, só por ser democrática, não pode anular-se, pelo contrário, se não pode assumir sozinha a vida de sua classe, não pode, em nome da democracia, fugir à sua responsabilidade de tomar decisões. O testemunho, enquanto autoridade de não assumir o seu dever, deixando-se tombar na licenciosidade e certamente mais funesto do que o de extrapolar os limites de sua autoridade. (p.60)

Geni enfrentou as dúvidas da diretora em relação a sua capacidade como educadora, suportou a desconfiança de mães de alunos e conquistou a confiança de uma menina branca que mesmo com pouca idade já chegou à escola com um discurso que se lhe perguntassem porquê, não saberia explicar, pois, estava baseado nas seculares estratégias de dominação. Naquele momento Geni estava diante de uma grande barreira, num lugar conceituado como detentor de saber e verdades absolutas. Geni soube se posicionar provou que nem todas as barreiras são intransponíveis, sem causar conflitos, consolidou seus valores como educadora e como pessoa, não importando a sua etnia. O estigma da cor da pele passou a ser seu instrumento de luta para combater as negatividades, estava em paz com a sua cor.

Segundo CAVALLERO (2001), o sentimento de rejeição que os alunos negros enfrentam nos primeiros anos escolares vai acompanhá-los em suas trajetórias e será naturalmente projetado nos diversos grupos sociais dos quais tomarão parte. Rejeição esta que se manifesta desfavorável ao desenvolvimento humano e formação plena de plena cidadania, porém não irreversível. As situações que dão origem aos complexos de inferioridade, podem ser evitadas quando a família, a sociedade, a escola lançar um olhar mais atento para o problema e iniciarem trabalhos de preventivos que evitem a rejeição pelo povo negro.

O Conto *Força Flutuante nos dá* um exemplo claro do que CAVALLEIRO (2001) explicitou na afirmativa acima. A rejeição que a menina Geni sofreu nos primeiros anos escolares, não a levou ao fracasso escolar, sua família, (em especial seu pai) a impulsionou a combater e superar as barreiras impostas pela sociedade dominante.

CONSIDERAÇÕES

Os textos utilizados no decorrer do trabalho evidenciam questões antigas referentes às populações negras. Os escritores Arnaldo Moreira dos Santos e Geni Mariano Guimarães fizeram uso da temática do negro como um modo de fazerem ouvidas nos tempos atuais as vozes há tantos séculos silenciadas.

Durante muitos anos de submissão, as populações negras experienciaram perdas, a não valoração de sua etnia e herança cultural. Lutam incessantemente para terem uma visibilidade conferida na sociedade. Não importa em qual nação, seja ela de origem ou não, suas lutas são sempre iguais ou semelhantes. A sociedade dominante sempre lhes negou direitos a uma identidade, um lugar de pertença.

Na tentativa de entender, compreender o cotidiano escolar dos sujeitos afro-descendentes, no espaço/tempo, este texto mencionou vários fragmentos das obras dos dois escritores de nacionalidades diferentes: um angolano e uma afro-brasileira e alguns conceitos sobre Educação do escritor/educador Paulo Freire entre outros. Ao fazer a leitura dos textos dos escritores pude perceber que são evidentes as semelhanças e poucas diferenças nas atitudes e situações negativas nas relações entre brancos e negros no espaço escolar.

No conto *A Menina Vitória*, o escritor Arnaldo Moreira dos Santos enfatizou as questões de agressões verbais e até mesmo físicas atribuídas aos negros promovidas pela professora de mesma etnia, na sala de aula, vitimando seus iguais, numa relação de poder, por ter assimilado o discurso opressivo, passando ela a ser o opressor fortalecendo cada vez mais a etnia branca de um sistema ditatorial na época colonialista em Angola. Numa época de repressão um dos alvos mantenedores da Ditadura era o espaço escolar, que impregnava as práticas pedagógicas para se certificarem que dali não saírem possíveis rebeldes para enfraquecer o Poder. Ao educador era atribuído o papel de oprimir e negar tudo o que consideram fora do padrão estabelecido pelo dominante. Vitória nega a sua negritude e acredita ser igual aos poderosos.

Nos contos da escritora Geni Mariano Guimarães a ênfase foi para a luta da menina Geni (a própria escritora), que no decorrer dos anos escolares quis conquistar igualdade social, mas dependeu intensamente do espaço escolar que na maioria das vezes a colocou diante de situações e atitudes discriminatórias e preconceituosas em relação à sua etnia. Na fase adulta ao se profissionalizar como educadora enfrentou as desconfianças da diretora e de pais de alunos, não quis se passar invisível pelo coletivo. Numa competição entre negros e brancos pode provar que negros também podem estar numa sala de aula para transmitir conhecimentos para os alunos, sejam eles de etnia branca ou negra.

Nos contos produzidos por Geni Guimarães há semelhanças com o conto *A Menina Vitória*, na questão do preconceito e discriminação de educador para educado. Nesse contexto a escola como universo de investigação de forma incorreta poderá ser um campo muito fértil para dar continuidade as questões negativas inerentes ao povo negro.

As diferenças entre os contos estão na superação de Geni que não se abateu e buscou ser ela uma educadora diferente da personagem Gigi, frágil e amedrontado diante da agressividade de Vitória. Geni, a educadora também se difere da educadora Vitória, a professora agressiva, alienada e Geni a professora que aproveita a manifestação de racismo contra ela mesma, no espaço onde trabalha para promover igualdade entre as etnias.

Em *A Menina Vitória*, a educadora de etnia negra agride alunos negros com insultos e até mesmo físicas quando faz uso da palmatória para castigá-los. Em relação à personagem Gigi, sua fragilidade é em maior proporção do que Matoso, fica na dúvida se aceita a discriminação de Vitória ou se luta como Matoso que adere ao silenciamento, um discurso não dito, com indícios de que se transformará em arma para ser usada na hora certa contra o opressor.

Como as Instituições escolares se posicionaram nos contos? Nenhuma manifestação de apoio para combater as situações raciais em que as personagens estiveram envolvidas dentro dos espaços escolares. Como as Instituições escolares atuais estão se posicionando para cumprir a Lei 10.639/03?

Segundo CAVALLEIRO (2001), o processo para extinguir manifestações ou manutenção de racismo, discriminações ou exclusão dos menos favorecidos, não é fácil,

tendo em vista a formação dos educadores^{5[4]} terem sido realizadas sem informação da base africana. O processo de difícil combate às negatividades também acontece nas outras nações. A relação entre brancos e negros nos dias atuais, ainda apresenta pontos de conflitos. Um olhar mais atento, logo aparece alguém relatando suas experiências, as situações preconceituosas em que foram envolvidos.

No Brasil já existe a Lei 10.639/03, que determina a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana no currículo escolar. Um dos objetivos da Lei é contribuir no combate ao racismo, discriminações, estereótipos negativos atribuídos às populações afro-descendentes. Fazer com que as Instituições escolares e seus profissionais deixem de permanecer invisíveis e silenciadas mediante as manifestações e manutenções de racismo em seus espaços.

No Brasil, muitos educadores ainda não têm idéia da implementação da Lei 10.639/03. Há casos isolados de pessoas envolvidas no processo educacional, que ironizam e questionam, se o 13 de maio e o 20 de novembro e questionam se não bastam para os negros serem lembrados na História do país? O que fazer diante desses tipos de desrespeito para com o sujeito afrodescendente? É preciso conscientizar os educadores/as de que a Lei existe e precisa ser posta em prática no país inteiro, do contrário se transformará em letras mortas, mais um papel guardado em gavetas.

Necessário se faz o quanto antes, um trabalho preventivo junto aos educadores/as, é preciso prepará-los adequadamente e ninguém melhor explicou isso em suas escritoras do que o educador Paulo Freire.

Muitos educadores ainda precisam ser educados para poder educar e refletir sobre o que é respeito pelas heranças étnico-raciais que o aluno traz para dentro do espaço escolar.

^{5[4]} Educadores – Eliane Cavalleiro se refere especificamente aos educadores brasileiros. O texto traz também o cotidiano escolar do afrodescendente americano e o angolano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: Racismo, Preconceito e Discriminação na Educação Infantil.** São Paulo: Contexto, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade.** 18ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Professora Sim Tia Não.** Cartas a quem ousa ensinar. 14ª ed. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **A Mulher Negra Que Eu Vi de Perto.** O Processo de Construção da Identidade Racial de Professoras Negras. Belo Horizonte: Mazza Edições Ltda, 1995.

GUIMARÃES, Geni Mariano. **A Cor da Ternura.** São Paulo: FTD, 1998.

JESUS, Elisângela Maria de. **Escola para a Construção da Identidade da Criança Negra.** (2006). Disponível em: www.paralerepensar.com.br.

LIMA, Terezinha Bazé de. **Pluralidade Cultural.** Palestra proferida II Seminário de Combate ao Racismo – O Negro e o Índio, organizado pela Associação Campo-grandense de Professores – ACP- Revista Construir Notícias nº 23, Ano 04. Julho/Agosto, 2005.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Currículos Praticados.** Entre a Regulação e a Emancipação. 2ªed. Rio de Janeiro, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise De Discurso.** Princípios & Procedimentos. 5ª ed. São Paulo: Pontes, 2003.

PARÂMETROS Curriculares Nacionais. Ensino médio. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: Ministério da Educação, 1999.